

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

Política Editorial

<http://hdl.handle.net/11067/7639>

Metadados

Data de Publicação	2004
Editor	Universidade Lusíada Editora
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 01 (2004)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-02T13:14:40Z com informação proveniente do Repositório

POLÍTICA EDITORIAL

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva

A actual série da Revista Lusíada-História pretende contar com a colaboração de todos os investigadores no campo da História, das Relações Internacionais, da Ciência Política e das Ciências Sociais com o objectivo de desenvolver o esforço de abordagem das temáticas da historiografia contemporânea num registo pluridisciplinar. No momento histórico marcado pela mudança da mundividência nacional motivada pela identificação de Portugal com o processo de integração europeia importa reflectir sobre as grandes temáticas duma historiografia aberta às alterações sociais e políticas existentes. O final do século XX foi marcado por mudanças radicais nas estruturas sociais e políticas mundiais: a queda do Muro de Berlim (9 de Novembro de 1989) e a dissolução da União Soviética (25 de Dezembro de 1991) alteraram o mapa político da Europa de Leste e tiveram reflexos no processo e natureza da unificação europeia protagonizada pela metade ocidental.

A “nova” Europa tem agora de ser pensada face ao alargamento a Leste depois da integração, nas duas décadas anteriores, dos países do Sul em contacto com o mundo mediterrâneo. Todavia, as consequências deste processo cujos resultados ainda se nos apresentam como uma incógnita não são a única consequência do fim da Guerra Fria. A ordem internacional viu-se confrontada com novos desafios resultantes de certa anarquia das médias e pequenas potências, livres a nível regional das anteriores limitações do jogo de equilíbrio entre as duas superpotências. Ao mesmo tempo o progresso de ordem tecnológica e científica origina profunda evolução da economia e da cultura mundial num processo conhecido por “globalização”. A conjugação destas duas realidades torna-se mais evidente na sequência dos atentados de Nova York de 11 de Setembro de 2001 que marcam simbólica e tragicamente o início do século XXI.

Neste contexto os grandes paradigmas historiográficos, em torno dos quais se construiu a nova visão do mundo contemporâneo, tornam-se obsoletos ou ameaçam tornar-se inoperacionais. A política e a cultura da segunda metade do século XX é marcada pela ideia do estado-nação enraizada na visão secular do indivíduo moderno que nasceu com as revoluções ocidentais dos finais do século XVIII. Estes valores foram postos em causa pelo renascimento do nacionalismo étnico-cultural na Europa e pela emergência do fundamentalismo religioso no Médio-Oriente nos finais do século XX e no início do seguinte. O sonho da paz universal associada à existência e à acção da O.N.U. foi igual-

mente questionado o que conduziu a uma profunda revisão das expectativas positivas no campo das relações internacionais. O excessivo optimismo ligado ao triunfo dos valores essenciais da cultura ocidental e expresso por escritores como Francis Fukuyama entra numa fase crítica no momento em que parecia impor-se como modelo universal. Em simultâneo as alterações produzidas pela “globalização” geram protestos no interior do mundo ocidental e resistências nas periferias, acicatadas pelas dificuldades económicas e dão origem a diversas reacções político-culturais em áreas tão diferentes como o continente africano ou a América Latina.

Nesta perspectiva a profecia de André Malraux sobre o século XXI – “o século do Espírito” – parece actual como ponto de partida para a análise das contradições geradas pela existência de sociedades tecnologicamente muito avançadas, mas caracterizadas por aparente desvalorização da vida espiritual, passível de exigir o repensar da inserção do homem num universo religioso renovado e actuante na defesa dos valores dominantes da humanidade. Assim sendo, é essencial reformular o significado e os sentidos da história não só nos seus principais pressupostos teóricos, mas fundamentalmente na forma de nos permitir perspectivar as novas questões colocadas pelas realidades emergentes nesta alvorada do século XXI. A pressão dos acontecimentos contemporâneos não exclui a consciência da profunda alteridade do passado face à ineludível modernidade do presente. A abordagem histórica torna-se basilar no processo de reconhecimento da originalidade do momento que vivemos. A percepção das realidades de outrora ajuda-nos a compreender a similitude dos processos políticos e sociais ao longo da evolução da humanidade e a evitar a vertigem ou o fascínio do acontecimento. A Revista Lusíada-História deseja neste primeiro número fornecer um panorama da múltipla diversidade cultural do passado irreduzível a um presente que não pode ser pensado como único.